

Revolta e melancolia na modernidade: Michael Löwy e as antinomias do romantismo

Fabio Mascaro Querido*

Resumo:

Partindo da recente reedição do livro *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*, de Michael Löwy e Robert Sayre, o objetivo deste artigo é problematizar a importância da questão do romantismo na obra do primeiro, situando-a no âmbito da sua interpretação singular do marxismo como crítica moderna da modernidade, em linha com os desafios do presente. Atina-se com a hipótese de que a visão löwyana do romantismo se torna plenamente inteligível quando compreendida à luz de sua concepção elástica tanto da modernidade quanto do marxismo, este último entendido como teoria "aberta" capaz de "absorver" elementos de outras modalidades de teoria e de pensamento social.

Palavras-chave: Michael Löwy; romantismo; modernidade; marxismo.

Revolt and Melancholy in Modernity: Michael Löwy and the Antinomies of Romanticism

Abstract:

Inspired by the recent publication of the second edition of *Revolt and Melancholy: Romanticism against Modernity*, by Michael Löwy and Robert Sayre, the goal of this article is to problematize the importance of the question of romanticism in the work of the former author, situating it in the context of his singular interpretation of Marxism as a modern criticism of modernity, in line with the challenges of the present. It hypothesizes that the Löwyian vision of romanticism becomes fully intelligible when it is viewed in the light of his elastic conception of both modernity and Marxism, the latter understood as an "open" theory capable of "absorbing" elements of other modalities of social theory and thought.

Keywords: Michael Löwy; romanticism; modernity; Marxism.

Marxismo e romantismo do passado ao presente e vice-versa

Por razões tanto teóricas quanto políticas, os marxismos (assim mesmo, no plural) sempre reivindicaram uma distinção qualitativa em relação às outras formas de crítica e/ou de recusa do capitalismo. Desde Marx até os autores do

* Pós-doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil. Bolsista FAPESP. Autor de: *Michael Löwy - marxismo e crítica da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial/Fapesp, 2016. End. eletrônico: fabiomascaro@yahoo.com.br

século XX, tratava-se de se demarcar um novo território político-ideológico, por assim dizer, em face das várias manifestações de um anticapitalismo *utopista e/ou romântico*, em cuja nostalgia do passado se revelaria uma impotência prática – compensada por devaneios subjetivistas – diante dos desafios concretos do presente. Não surpreende, portanto, a magnitude da contradição entre crítica marxista e crítica romântica e/ou utópica do capitalismo, a despeito do impulso antissistema que lhes é comum, e que lhes prescreve algumas afinidades ocultadas pela força de um desencontro histórico – contradição cuja reavaliação constitui o eixo e garante a grande valia político-intelectual de *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*, livro de Michael Löwy e Robert Sayre publicado pela primeira vez em 1992, na França, e no Brasil em 1995, pela editora Vozes, e recentemente reeditado – após mais de uma década de esgotamento – pela Boitempo Editorial (Löwy; Sayre, 2015)¹.

Ora, ao proporem, desde um ponto de vista marxista, uma nova interpretação do romantismo, os autores contribuem, em *Revolta e Melancolia*, não apenas para uma releitura de mais de dois séculos de história, visualizando-os sob nova perspectiva, senão também para a abertura de novas pontes para a incorporação da crítica cultural romântica por um marxismo renovado e *oxigenado*, capaz de transformar a crítica do capitalismo em uma crítica radical da modernidade burguesa em sua totalidade. Em um contexto caracterizado, entre outras coisas, pela quebra da associação entre revolução e progresso, ou entre socialismo e desenvolvimento ininterrupto das forças produtivas, Löwy e Sayre visualizam, em *Revolta e Melancolia*, assim como em outros ensaios da época, a possibilidade, ou mesmo a necessidade, de um resgate crítico de formas de crítica do capitalismo tal qual o romantismo, que, se antes apareciam como desconectadas do real, hoje revelariam uma atualidade intempestiva.

Observa-se, assim, que as condições de possibilidade do “tempo-presente” condicionaram em ampla medida a forma de análise do fenômeno romântico pelos autores, bem como a valorização do qual é objeto. Não por acaso, muito embora o romantismo tenha emergido, do ponto de vista sociológico, como o resultado da articulação entre a intelligentsia “clássica” e os grupos sociais atingidos pelo desenvolvimento do capitalismo, seu escopo de influência seria muito mais amplo, em particular nos tempos atuais, nos quais a modernidade capitalista se estabeleceu na maior parte do planeta, ao ponto de se falar de um esgotamento do ciclo, ou de “colapso”, da modernização. Como dizem os autores,

é como se a civilização industrial-capitalista tivesse atingido uma etapa de seu desenvolvimento em que seus efeitos destrutivos sobre o tecido social e o ambiente

¹ O livro foi também traduzido para o inglês, para o grego e para o espanhol (Argentina).

natural tivessem tomado tais proporções que certos temas do romantismo – e certas formas de nostalgia – exercessem uma influência social difusa, estendendo-se muito além das classes ou categorias às quais estava ligada anteriormente (Löwy; Sayre, 2015, p.117).

Mas se este vínculo com o tempo histórico define o horizonte de possibilidades da análise, o livro é também resultado de uma pesquisa rigorosa realizada pelos autores, dois discípulos e ex-alunos de Lucien Goldmann que, à luz do método da “sociologia da cultura” propalado pelo mestre, almejavam unificar a diversidade da nebulosa romântica compreendendo-a como uma “visão social de mundo”, de modo a preencher assim uma lacuna que persistira na obra do sociólogo de origem romena. Na verdade, um dos principais pontos de destaque da obra é exatamente essa capacidade de articular o afinamento político-intelectual com o presente e a análise crítico-sociológica rigorosa do fenômeno estudado, buscando dotá-lo de uma *estrutura significativa* suficientemente sólida (embora demasiadamente “elástica”, como se verá) para abarcar a pluralidade de manifestações da visão de mundo romântica, em mais de dois séculos de história. Tratava-se, então, de se construir um *conceito* – no sentido da tradição dialética – “que possa justificar as contradições do fenômeno e sua diversidade”, embora também os autores se utilizem, de forma complementar, do método weberiano, a fim de elaborar uma tipologia do romantismo (Idem, p. 36).

Para isso, em diálogo crítico com a bibliografia crítica já existente sobre o assunto, o primeiro passo era readequar a abordagem do romantismo, retirando-o do cárcere analítico a que esteve submetido, em busca de uma “análise global do fenômeno que leve em conta toda a sua verdadeira extensão e toda a sua multiplicidade” (Idem, p. 34). Contemporânea – “sombra projetada que a acompanha” – da modernidade, a visão social de mundo romântica está presente, de acordo com Löwy e Sayre, em todos os campos culturais, da literatura e das artes à filosofia e teologia, passando pelo pensamento político, econômico ou jurídico. Enquanto crítica cultural “na contramão” e, portanto, “co-extensiva” à modernidade, o fenômeno romântico deve igualmente ser temporalmente redefinido: emergindo ao final do século XVIII, simultaneamente aos primeiros avanços do capitalismo “moderno”, na França, na Alemanha e na Inglaterra, a visão de mundo romântica continuou a existir ao longo dos séculos subsequentes, e continua até os dias atuais, uma vez que seu inimigo (e, assim, a sua razão de ser: a oposição ao mundo burguês) segue vigente e hegemonicamente soberano na definição dos contornos sociais contemporâneos.

Forma específica de “crítica moderna da modernidade”, o romantismo constitui, para Löwy e Sayre, tal como a forma *romance* teorizada Lucien Gol-

dmann em sua *Sociologia do Romance*, a expressão do conflito entre a sociedade burguesa e certos valores humanos qualitativos (Goldmann, 1964). Reagindo ao lento e profundo processo de emergência e desenvolvimento do capitalismo, a especificidade do romantismo se deve ao fato de que a sua crítica da modernidade, embora genuinamente moderna, é realizada em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Busca-se nesse passado certos valores humanos essenciais que foram perdidos com a alienação, a mecanização, a quantificação e a dissolução dos vínculos sociais, e que, resgatados no presente, poderiam servir como parâmetros para a crítica de um mundo (a modernidade) *desencantado* e movido por uma racionalidade meramente instrumental.

Motivada por esta experiência da perda, que estimula uma nostalgia melancólica, a crítica romântica da modernidade pode, porém, apresentar-se sob as mais diferentes roupagens políticas, do conservadorismo resignado, passando pelo fascismo, até as utopias revolucionárias, para as quais “a lembrança do passado serve como arma na luta pelo futuro” (Löwy; Sayre, 2015, p. 46-47). Assim, à diferença de Lukács, que lhes serve de inspiração – mas para o qual o romantismo constituía uma adjetivação possível para as formas reacionárias e/ou retrogradadas de anticapitalismo, mimetizando os efeitos da *decadência burguesa* –, Löwy e Sayre destacam a pluralidade político-ideológico da visão de mundo romântica, esboçando até mesmo, em um dos capítulos do livro, uma “tipologia do romantismo”, constituída em função da posição assumida em face da modernidade, e que engloba: 1) o romantismo *restitucionista*; 2) o *conservador*; 3) o *fascista*; 4) o *resignado*; 5) o *reformador*; e, enfim, 6) o *revolucionário e/ou utópico*, o qual, por sua vez, pode ser subdividido nas tendências: i) *jacobino-democrática*; ii) *populista*; iii) *socialista utópico-humanista*; iv) *libertária*; e v) *marxista*.

Michael Löwy e Robert Sayre não escondem sua predileção pela vertente “revolucionário-utópica” do romantismo, tanto por razões político-intelectuais quanto analíticas: na ótica dos autores, o romantismo revolucionário constitui uma chave de leitura fundamental para a compreensão de alguns dos principais movimentos sociais, políticos e artísticos do século XX, como maio de 68, a teologia da libertação ou o surrealismo (Löwy, 2002a), assim como autores como Charles Péguy. Além disso, a existência de um romantismo *revolucionário* indicaria a possibilidade da existência de um “romantismo marxista”, ou melhor, de um “marxismo romântico”, talvez a mais ardente das “correntes quentes” do marxismo, conforme a designação de Ernst Bloch (Löwy; Sayre, 2010, p.183-285).

A existência de “marxistas românticos” não anula, pura e simplesmente, as ambivalências entre as duas visões de mundo (Löwy, 2008). Bem ao contrário, essas ambivalências se tornam um tema da própria reflexão dos representantes dessa “vertente”, espreitados, por assim dizer, entre a admiração pelo romantismo

e o respeito à herança progressista das Luzes, cujo *espírito* muito inspirou Marx e marxistas como Rosa Luxemburgo e mesmo Lukács, os três analisados em um capítulo de *Revolta e Melancolia*. Além deles, e de William Morris (“marxista-anarquista-romântico”), intelectuais como Benjamin, Ernst Bloch, André Breton, Marcuse, Henri Lefebvre, E. P. Thompson, Raymond Williams, dentre vários outros, integrariam, segundo os autores, essa “frente” marxista-romântica, uns mais outros menos “românticos”, e mais ou menos “iluministas”, mas todos portadores ao menos de uma *dimensão* romântica, mesmo que “escondida”, como no caso do próprio Marx. Para Löwy e Sayre, romantismo e iluminismo, embora “inimigos” ideológicos, não seriam necessariamente antiéticos, podendo, ao contrário, articular-se no interior de uma mesma obra intelectual ou artística, algo que se comprovaria pela existência não apenas de um “romantismo marxista”, senão também de um “romantismo jacobino-democrático”.

É na abordagem desse “marxismo romântico” que se encontra exposto o caráter inovador e heterodoxo (se não herético) da empreitada de Löwy e de Sayre, e, ao mesmo tempo, suas motivações políticas, digamos assim, pautadas pela reivindicação da necessidade de uma radicalização da ruptura do marxismo com os parâmetros da civilização capitalista-moderna. Do ponto de vista ideológico, essa é a frente de batalha dos autores, na qual o romantismo transforma-se em aliado de um marxismo em busca de novas respostas para novos desafios, que não são sequer abordados pelos marxistas *modernistas*, para os quais se trata antes de tudo de se aproveitar as brechas do “progresso” burguês, direcionando-o em algum momento para uma órbita socialista.

Na trajetória de Michael Löwy, responsável pelo impulso inicial da pesquisa e pela perspectiva por ela assumida, como reconhece o próprio Sayre em artigo de homenagem (Sayre, 2011, p. 61-65), essa nova percepção do romantismo, após ser esboçada em sua tese sobre Lukács (Löwy, 1998), começou a ganhar corpo a partir do final da década de 1970, momento em que ele “redescobre” a obra de Walter Benjamin e dá início às suas pesquisas sobre os intelectuais judeus românticos e utópico-messiânicos da Europa Central de cultura alemã das primeiras décadas do século XX (Löwy, 1989; 2012)². Por meio de Benjamin e desses intelectuais judeus, além de reatar algo de sua própria história (ele próprio filho de judeus da Europa Central), Michael Löwy (2005, p. 39, 40) extraiu argumentos para uma rearticulação da temporalidade histórica, o que lhe abriu novos horizontes temáticos e analíticos, dos quais a elaboração da “visão social de mundo” constitui talvez o ponto mais alto ou, ao menos, o mais ambicioso, como sugere com razão Enzo Traverso (2011, p. 32).

² Nesse percurso, deve-se destacar o papel de “transição” que teve a publicação do livro *Marxisme et romantisme révolutionnaire: essais sur Lukács et Rosa Luxemburgo* (Löwy, 1979).

Inimigos íntimos: o romantismo (e o marxismo) contra a (pós) modernidade?

No plano político-intelectual, o período de reflexões que dá origem ao livro *Revolta e Melancolia* é contemporâneo aos debates sobre a “crise” da modernidade, na virada para os anos 1980. Não surpreende, então, que este debate seja um dos panos-de-fundo da conceituação do romantismo realizada pelos autores, assim como do tipo de marxismo por eles escolhido para servir de base à análise. Ao acentuar a dimensão moderna da crítica romântica da modernidade, tratava-se de estabelecer um espaço de contato com outra crítica moderna da modernidade: o marxismo. Apoiando-se em Marx, Weber e Karl Polanyi (1960), a definição de modernidade utilizada pelos autores encaixa-se na medida a esta finalidade, uma vez que estabelece um *parâmetro negativo* ao qual se opõem tanto o romantismo quanto o marxismo³. Consolidação do processo de acumulação e reprodução capitalista, caracterizado pelo desencantamento racionalista e/ou autonomia e dominação da economia frente às outras esferas sociais, a modernidade engendra um conjunto difuso de elementos específicos que a compõem, e contra os quais se revoltam, não sem alguma melancolia, os românticos e, com eles, a vertente dos marxistas menos encantada pelo canto da sereia do desenvolvimento ininterrupto das forças produtivas.

Ora, se essa abordagem da modernidade (assim como do seu inimigo íntimo permanente: o romantismo) ganha em amplitude e flexibilidade, ela perde em concreticidade e precisão, o que acaba impedindo uma abordagem mais matizada historicamente das formas e etapas do desenvolvimento capitalista. Se o mundo capitalista-moderno segue, mais do que nunca, ainda vigente, como insiste Löwy, não é menos verdade que ele passou por transformações substanciais ao longo do tempo, algumas das quais ocasionaram mutações históricas irreversíveis, que chegaram até mesmo a abalar alguns dos pilares “clássicos” da modernidade. O próprio debate sobre a “crise” da modernidade, ou sobre a emergência de um capitalismo “pós-moderno”, como sustentam de formas distintas autores marxistas como Fredric Jameson (2007) ou Terry Eagleton (1996), constitui um sintoma dessas transformações histórico-culturais.

Numa época marcada pela proclamação do “fim das grandes narrativas” iluministas-modernas, o capitalismo contemporâneo logrou incorporar ao seu próprio proveito alguns aspectos que outrora faziam parte do repertório das críticas anticapitalistas, especialmente aqueles vinculados à crítica cultural (ou “crítica artística”, tal qual diriam Luc Boltanski e Eve Chiapello) como o romantismo, colocando-os a serviço de um sistema renovado em busca de novas instâncias de legitimação (Boltanski; Chiapello, 2000). Nesse cenário, traços do

³ Sobre a leitura de Weber proposta por Löwy, no âmbito desta crítica marxista-romântica da modernidade, consultar Querido (2015).

romantismo, ao menos na descrição dos autores, talvez não tenham mais, e nem poderiam ter, a mesma disposição *essencialmente* anticapitalista: há quem diga que o capitalismo pós-moderno é, ele próprio, em alguma medida, “romântico”, mobilizando a crítica da modernidade a fim de contribuir para um novo modo de sociabilidade capitalista, mais hedonista e maravilhado com o encantamento consumista, menos racional/instrumental.

Ao que tudo indica, o avanço brutal da mercantilização nas sociedades contemporâneas significou ao mesmo tempo a mercantilização de muitos aspectos que outrora eram identificados com o que Löwy e Sayre definem por romantismo. Se assim for, e se as transformações históricas vividas desde meados da década de 1970 (momento em que os próprios autores dizem ser aquele da “ofensiva antirromântica” na França) podem ser equiparadas a uma nova “grande transformação”, talvez fosse necessária uma reformulação da projeção em torno da vigência temporal do romantismo, em particular do romantismo revolucionário. Definindo o fenômeno por sua “coextensividade” à modernidade (entendida na sua formulação webero-marxista), sem dar a devida medida às transformações históricas ocorridas no interior ou contra essa modernidade “clássica”, por assim dizer, arrisca-se a reproduzir, hoje, um “romantismo revolucionário imaginário”, algo anacrônico, *hors du temps*, no qual se toma como modelo o que valia até meados do século XX, mas que, atualmente, assume um outro papel histórico-político-cultural, muitas vezes diverso ou até mesmo antagônico em face daquele que vigorava (Querido, 2016).

Marxismo *aberto* e atualização heterodoxa: afinidades anticapitalistas

Naturalmente, essa valorização do romantismo, assim como de outras cosmovisões (profanas ou religiosas) críticas do capitalismo, vincula-se estreitamente à interpretação que os autores, em particular Michael Löwy, fazem do marxismo, e, sobretudo, ao papel que se atribui – na elaboração das proposições em torno da renovação contemporânea do marxismo – ao diálogo crítico com outras visões de mundo. Para Löwy, à diferença de um sistema teórico fechado, capaz de explicar tudo em não importa qual momento, o marxismo constitui uma teoria “aberta”, em permanente dinamismo, modificando-se à luz das mutações históricas tanto da ordem social à qual ela se contrapõe, quanto da prática política das classes e grupos que compõem potencialmente a base social de um projeto de transformação radical da sociedade vigente. Dessa perspectiva, enquanto teoria ou “filosofia da práxis” – definição que, para ele, é a que melhor define o sentido da teoria crítica fundada por Marx⁴ –, o marxismo caracteriza-se entre

⁴ Mais do que Gramsci, Löwy inspirou-se, em sua defesa do marxismo como filosofia ou teoria da práxis, nas reflexões de Rosa Luxemburgo, Lukács (HCC), Guevara e Goldmann. Consultar Löwy (1973, 2002b).

outras coisas por sua capacidade de assimilar contribuições teóricas, políticas e culturais de visões de mundo que lhe são exteriores, mas que interpelam a prática social dos sujeitos em luta.

Em particular após o “*tournant*” benjaminiano de sua trajetória intelectual, na virada para os anos 1980, Michael Löwy fez da busca pelas “afinidades eletivas” entre visões de mundo originalmente distintas uma verdadeira *profissão de fé*, como destacou Alfredo Bosi (2007), alçando-a à condição de eixo de uma estratégia de “abertura” e renovação do marxismo. Com efeito, em vez de proclamar a necessidade de uma “superação” do marxismo, em função da renúncia à *exclusividade* e ao monopólio da teoria e da luta anticapitalista (monopólio que, de fato, ele nunca teve), Löwy transforma essa “renúncia” em ponto de partida para um processo de renovação crítica do marxismo, cuja *atualidade* depende da sua capacidade de se expurgar da arrogância *positivista* ou *metafísica*, que não sabe senão *encaixar* a prática social e política das classes em luta em esquemas históricos abstratos previamente definidos.

O recurso de Löwy ao conceito weberiano de “afinidades eletivas”, atribuindo-lhe um *estatuto metodológico* no interior da *sociologia dialética da cultura* de matriz marxista-goldmanniana, constitui precisamente uma forma de se forjar um “instrumento de pesquisa” capaz de permitir a análise da “conjunção entre fenômenos aparentemente díspares”, dentro do mesmo campo cultural (religião, filosofia, literatura) ou entre esferas sociais distintas: religião e economia, mística e política etc. (Löwy, 2013, p. 96). Busca-se, assim, evitar a tendência, presente em parcelas importantes do marxismo, à redução dos processos “espirituais” à mera “expressão” de um conteúdo econômico, social ou político, abrindo um flanco por meio do qual se tornaria possível compreender as eventuais afinidades entre manifestações socioculturais e/ou intelectuais decorrentes de bases ou “conteúdos” sociais distintos. O conceito de afinidade eletiva, tal como reformulado por Löwy, “permite justificar processos de interação que não dependem nem da causalidade direta, nem da relação ‘expressiva’ entre forma e conteúdo” (Löwy, 1989, p.18), revelando correlações, analogias ou convergências que podem, ou não, evoluir para uma relação significativa efetiva.

No caso específico do romantismo, sua *dissidência* em relação à modernidade, *a priori* tão distante da crítica marxista-dialética do capitalismo, pode com ela contribuir em função da sua capacidade de visualizar o que permanecia *oculto* do ponto de vista dos defensores - dentre os quais muitos marxistas - da modernidade. Em contraposição à cegueira das ideologias do progresso,

os críticos românticos tocaram – mesmo que de maneira intuitiva e parcial – no que não era pensado no pensamento burguês, eles viram o que estava fora do campo da visão liberal individualista do mundo: a reificação, a quantificação, a perda dos valores humanos e culturais qualitativos, a solidão dos indivíduos,

o desenraizamento, a alienação pela mercadoria, a dinâmica incontrolável do maquinismo e da tecnologia, a temporalidade reduzida ao instantâneo do maquinismo e da tecnologia, a temporalidade reduzida ao instantâneo, a degradação da natureza. Em uma palavra, eles descreveram a *facies hipocrática* da civilização moderna. O fato de que tenham frequentemente apresentado esse diagnóstico penetrante em nome de um esteticismo elitista, de uma religião retrógrada ou de uma ideologia reacionária, não diminui em nada sua perspicácia e valor – como diagnóstico. Apesar de nem sempre estarem em condição de propor soluções às catástrofes provocadas pelo progresso industrial - exceto um retorno ilusório ao passado perdido -, eles puseram em evidência os malefícios da modernização ocidental (Löwy, 2015, p. 265).

A atualização da “corrente quente” do marxismo contemporâneo

Para Michael Löwy, sobretudo após a descoberta de Benjamin, é como se a “dialética [fosse] uma esponja capaz de tudo absorver, de superar as contradições”, conforme observa Enzo Traverso (2011, p. 37), “na linha de uma de suas palavras-de-ordem preferidas, emprestada do humor judaico, na qual um rabino compartilha opiniões contraditórias a fim de satisfazer a todos”. Não imune a uma certa “tentação escolástica”, como diz o mesmo Traverso, Löwy busca abarcar, incorporar e resgatar visões diferentes da crítica ao capitalismo, como se quase tudo fosse passível de ser re-significado, a partir do presente e, em particular, a partir de um ponto de vista determinado: aquele de um marxismo à procura de *oxigênio* crítico capaz de instigá-lo a repensar a sua forma de reflexão e percepção sobre o capitalismo, à luz dos desafios atuais impostos à esquerda política e intelectual.

Alguns desses “excessos” emergem de forma nítida, segundo Traverso (2011, p.33) exatamente na reformulação da questão do romantismo, com “a transformação de uma teoria original em um dispositivo hermenêutico de alcance universal, pronto para ser aplicado de modo um pouco mecânico”. É isso o que explicaria, por exemplo, a tentativa löwyana de lançar mão da visão de mundo romântico-revolucionária para compreender aspectos das obras de figuras tão distintas como Marx, Rosa, Benjamin, Kafka, Bloch, Marcuse, Adorno, Breton, Debord, Naville, Lefebvre, Thompson, Williams, Mariátegui, Eduardo Galeano, Williams Morris, e até mesmo um autor como o norte-americano Fredric Jameson, que, embora seja um dos mais importantes e originais marxistas contemporâneos, em especial por suas análises das complexas relações entre processos culturais e formações socioeconômicas, nada tem de romântico⁵.

⁵ Ver Michael Löwy “Nostalgie Révolutionnaire. Le moment anticapitaliste romantique dans la critique culturelle de Fredric Jameson”, mimeo.

Em larga medida, essa “tentação escolástica” decorre da fidelidade à ideia benjaminiana da possibilidade de uma rearticulação da temporalidade histórica, no âmbito da qual o passado é “reelaborado” em função das interpelações do presente. Ao reler, reinterpretar e incorporar, desde uma perspectiva marxista heterodoxa, autores e/ou correntes de pensamento do passado, Löwy *reabre* o passado, resgatando-o em função das possibilidades e necessidades (política e ideologicamente orientadas) do presente (Delecroix, 2011). Reativado, por assim dizer, esse passado aparece para *colocar o presente numa situação crítica*, como diz Walter Benjamin nas *Passagens* (Benjamin, 1989, p. 488)⁶.

Agarrada ao presente, como diria Benjamin, a leitura de Michael Löwy do romantismo, das utopias religiosas e/ou de Max Weber, além de dar origem a importantes contribuições às ciências sociais contemporâneas, revela-se sempre mais fiel ao *espírito* - quer dizer, ao que ele interpreta como o espírito fenômeno estudado - do que à *letra* do pensamento analisado, explorando caminhos esquecidos em busca de afinidades improváveis. A tentativa de colocar o marxismo em diálogo crítico e aberto com outras formas de crítica da modernidade, por ele sociológica e rigorosamente estudadas, constitui, assim, para Löwy, uma forma de *despertá-lo* de toda paralisia dogmática, instigando-o a se repensar a partir do contato com outras teorias críticas ou utopias concretas, assim como com as novas práticas políticos dos novos movimentos sociais “antisistêmicos”.

Essa perspectiva eminentemente política, em sentido amplo, está na base das motivações subjacentes às escolhas temáticas de pesquisa de Michael Löwy, entre cujos eixos encontra-se a atenção incomum às mais diversas variantes das grandes ou pequenas recusas do capitalismo moderno, ou mesmo, em alguns casos, em aceitações parciais logo transmutadas em recusas. Sob sua pena, por exemplo, até um nacionalista germânico como Weber, defensor da 1ª Guerra, pode ser elevado à condição de “crítico do capitalismo”, romântico resignado porém crítico *quand même* da modernidade, por ele descrita como um mundo desencantado à espera de novos profetas que não virão.

Não por acaso, talvez a principal contribuição da obra de Michael Löwy, estudando o romantismo, as utopias messiânicas e/ou libertárias, a teologia da libertação, o “marxismo-weberiano”, dentre outros, sempre sob o signo decisivo das sugestões benjaminianas, tenha sido o *deslocamento* no ponto de vista marxista da crítica “extra-marxista” da modernidade, em particular em suas vertentes mais francamente anti-modernas e/ou anti-progresso. Recuperá-las desde a perspectiva de um marxismo renovado, estimulando a ruptura deste com a crença abstrata

⁶ “A apresentação materialista da história conduz o passado a colocar o presente em uma posição crítica” (Benjamin, 1989, p. 488).

no progresso, constitui, como vimos, um dos objetivos dos trabalhos de Löwy. Ele logra assim, com o resgate dessas diversas formas “alternativas” de subjetividade anticapitalista, potencializar a “corrente quente” do marxismo, segundo o termo alcunhado por Ernst Bloch, reativando a motivação que se encontra na base da teoria e da política fundada por Marx: o “princípio-esperança”, para falar como o próprio Bloch, ou a “aposta melancólica” de Daniel Bensaïd, inspirada em Pascal e na reformulação da questão realizada por Lucien Goldmann em *Le Dieu Caché*⁷.

Tão importante quanto é que, assim como seu contemporâneo Bensaïd, Löwy busca reativar essa subjetividade revolucionária sem o recurso simples a uma filosofia marxista “tradicional” do sujeito, assentada no avanço inexorável da consciência de classe. A aposta, sem nenhuma garantia de vitória, não é nada mais do que isso: uma aposta “messiânica” e intempestiva (porque improvável até que aconteça) ancorada na potencialidade das classes subalternas de subverter e interromper a reprodução do sistema. “Ela é melancólica, sem dúvida, essa aposta na improvável necessidade de revolucionar o mundo” (Bensaïd, 1997, p. 297).

Mas, ao quase que inverter a tendência dos marxistas “modernistas” do passado – os quais ansiavam por distinguir a glorificação marxista do progresso que caminharia na direção do socialismo – da lamentação nostálgica e anti-moderna dos românticos e congêneres, Michael Löwy arrisca-se a recair no perigo oposto, transformando a crítica anticapitalista aparentemente inconsistente e impotente (quando não francamente reacionária) dos românticos em eixo de um marxismo “pós-progresso”. Em ambos os casos, assiste-se a um certo *déficit* de dialética. No caso de Löwy, melhor dizendo, trata-se talvez, acima de tudo, de uma dialética deliberadamente *capenga*, no sentido que pende, por opção político-intelectual, repita-se, para o lado dos mais fracos, dos *vencidos*, da “tradição dos oprimidos”, mesmo que para isso tenha que desestabilizar o “equilíbrio” da dialética hegeliana.

Em Löwy, o impulso ético-político acaba por prevalecer, o que o faz seguir à risca, nesse sentido, sua própria concepção dos intelectuais revolucionários. Ocorre que, ao definir esse marxismo a um só tempo crítico do progresso capitalista real e refratário aos esquemas transcendentais do progresso como romântico – opondo-o ao marxismo evolucionista determinista, hoje produtivista, etc. –, Löwy acaba optando por um epíteto não muito consensual, pelos motivos acima expostos (dentre outros), a fim de designar um conjunto mais amplo e heterogêneo: nem todo marxismo não ou mesmo antirromântico é forçosamente “tradicional” ou defensor do “culto sonolento do progresso”. Há outras vias

⁷ Consultar Goldmann (1955) e Bensaïd (1997).

possíveis, como o demonstra Daniel Bensaïd, marxista benjaminiano *heterodoxo, herético, messiânico* e anti-determinista como Löwy ou outros marxistas-românticos, salvo que se trata, no caso do filósofo francês, de um marxismo deliberadamente antirromântico⁸.

Michael Löwy no cruzamento dos caminhos

Militante socialista e surrealista desde os 16 anos, cientista social de formação, intelectual engajado por vocação, Michael Löwy buscou sempre articular, em particular após as transformações histórico-políticas dos anos 1980, a irreduzibilidade da sua aposta política revolucionária, situando-se à “esquerda do possível”, como diria Bensaïd (2010), e a *abertura* heterodoxa do ponto de vista teórico-intelectual, dialogando com diversos autores ou correntes de pensamento comumente desprezadas pelo marxismo, e ainda mais por suas vertentes políticas como o “luxemburguismo” e o trotskismo. Na mesma medida da amplitude de sua “abertura” para outros continentes filosófico-políticos, a empreitada suscita indagações, como vimos, em torno de um possível excesso de *indulgência* diante das utopias românticas, messiânicas e/ou cristãs, sem dar a devida atenção às implicações retrógradas, antidemocráticas e/ou aristocráticas dessas manifestações socioculturais.

Seja como for, é exatamente essa disposição em *baixar a guarda*, quer dizer, em atenuar algo do fla-flu doutrinário e/ou ideológico, que faz da obra de Michael Löwy uma das mais originais dentre aquelas dos intelectuais críticos contemporâneos, ainda mais porque seus textos, nunca conclusivos, deixam margens para leituras diferentes, seletivas, na mesma linha, aliás, de suas próprias leituras dos autores do passado. Pensador das encruzilhadas, como Benjamin, quase sempre no “cruzamento dos caminhos” (entre o marxismo e o anarquismo, entre a Europa e a América Latina, entre o passado e o futuro, o sagrado e o profano, o judaísmo e a catolicismo, entre a política e a cultura, a sociologia e a filosofia), Löwy revela novas pistas, novos atalhos, fomentando, assim, a curiosidade e o espírito autocrítico que está na origem da teoria crítica fundada por Marx – curiosidade pelas novas práticas sociais e políticas das classes subalternas, sem rejeitá-las de imediato por seus limites e insuficiências, e *espírito autocrítico* a fim de ser capaz de colocar seus pressupostos teóricos e políticos à prova dessas novas práticas, assim como da situação atual do sistema capitalista (Querido, 2014).

Inscrevendo-se no âmbito de uma das últimas gerações para a qual a unidade entre teoria e prática política era vista como condição inescapável para os

⁸ “Não estou de acordo com a forma através da qual Michael Löwy valoriza sem balanço o romantismo como protesto contra a modernidade capitalista” (Bensaïd, 2012, p.170). Ver também Querido (2016).

intelectuais críticos, de uma das “últimas gerações de Outubro”, para parafrasear livremente a expressão alcunhada por Benjamin Stora (2003), uma geração fruto da radicalização “terceiro-mundista” (Cuba, Argélia, Vietnã) e talvez a última a tomar como modelo quase exclusivo a revolução russa de 1917, a trajetória de Michael Löwy, tal como aquela de Daniel Bensaid, carrega algo de profundamente singular, que lhe confere uma inestimável *potência cognitiva*: a análise de seu itinerário torna possível a compreensão – a partir de uma perspectiva específica, cuja *estrutura significativa* vincula-se ao tempo presente – de um dimensão relevante da história recente dos intelectuais de esquerda, em um momento em que ambos, tanto os intelectuais em geral quanto os de esquerda em particular, amargaram um nítido *declínio* de sua capacidade de interferir de forma decisiva nos debates do pouco que restou do espaço público (ou, melhor dizendo, do espaço midiático).

Do marxismo triunfante dos anos 1960 e meados dos 1970, passando pela fase marcada pelo declínio (e às transformações substanciais daí decorrentes) da intelectualidade de esquerda nos 1980, até o esboço de recomposição do vínculo entre intelectuais e movimentos sociais a partir dos anos 1990, quando ele se consolida como um dos mais importantes representantes do “pensamento crítico contemporâneo” (Keucheyan, 2013), Michael Löwy atravessou as principais “etapas” – sempre sob uma perspectiva singular – da história intelectual recente, razão pela qual ele pode ser designado como um *passer* entre o marxismo do passado (dos anos 1960 e 1970) e aqueles do presente e do futuro, e entre as duas gerações políticas e intelectuais que se aí se perfilam.

Essa singularidade revela-se, por exemplo, na articulação aparentemente paradoxal, presente em Michael Löwy desde o início de sua trajetória e mais intensamente após a virada para os anos 1980, entre uma espécie de “otimismo antropológico”, como bem designou Traverso (2011, p. 30), otimismo que desabrochou em grande medida em função da sensibilidade por ele absorvida na sua primeira experiência latino-americana (com a vaga de radicalização impulsionada pela revolução cubana), e um pessimismo melancólico largamente inspirado no *anjo da história* benjaminiana, também “traduzido” pela *jaula de aço* weberiana e pela *dialética negativa* dos marxistas ocidentais: sua reformulação do romantismo, insistindo na possibilidade de um romantismo revolucionário, constitui a expressão mais ambiciosa desta articulação. A *oxigenação recíproca* que emerge daí é sem dúvida uma das razões do fascínio que exerce uma obra como a de Michael Löwy, em especial para as novas gerações, que podem nela visualizar um *elo* entre as teorias críticas do passado, do presente e do futuro.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Paris, capitale du XXe siècle*. Paris: Cerf, 1989.
- BENSAÏD, Daniel. *Le pari mélancolique*. Paris: Fayard, 1997.
- _____. *Walter Benjamin*. Sentinelle messianique. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2010.
- _____. Quando l'histoire nous désenchante. In: SABADO, F. (org.). *Daniel Bensaïd, l'intempêtif*. Paris: La Découverte, 2012.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 2000.
- BOSI, Alfredo. Da esquerda cristã à Teologia da Libertação. In: JINKINGS, Ivana; PESCHANSKI, João Alexandre (orgs.). *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- DELECROIX, Vincent. Le temps romantique de Michael Löwy. In: DELECROIX, Vicent; DIANTEILL, Erwan. *Cartographie de l'utopie. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy*. Paris: Sandre Actes, 2011.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- GOLDMANN, Lucien. *Le Dieu Caché*. Étude sur la vision tragique dans les "Pensées" de Pascal et dans le théâtre de Racine. Paris: Gallimard, 1955.
- _____. *Pour une sociologie du roman*. Paris: Gallimard, 1964.
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2007.
- LÖWY, Michael. *Dialectique et révolution*. Essais de sociologie et d'histoire du marxisme. Paris: Anthropos, 1973.
- _____. *Marxisme et romantisme révolutionnaire: essais sur Lukács et Rosa Luxemburg*. Paris: Le Sycomore, 1979.
- _____. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *A evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. A estrela da manhã: o mito novo do romantismo ao surrealismo. In: *A estrela da manhã. Surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.
- _____. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002b.
- _____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

- _____. *Romantismo e messianismo*: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. *Judeus heterodoxos*. Messianismo, romantismo, utopia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- _____. *La cage d'acier*. Max Weber et le marxisme wébérien. Paris: Stock, 2013.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Esprits de feu*. Figures du romantisme anticapitaliste. Paris: Éditions du Sandre, 2010.
- _____. *Revolta e Melancolia*. O romantismo na contramão da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.
- KEUCHEYAN, Razmig. *Hémisphère Gauche*. Une cartographie des nouvelles pensées critiques. Paris: Editions La Découverte, 2013.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação*: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1960.
- QUERIDO, Fábio. Marxismo libertário e imaginação revolucionária em Michael Löwy. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 82, 2014.
- _____. Marx, Weber e a modernidade: capítulos de um (des)encontro histórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 29, n. 87, 2015.
- _____. *Michael Löwy*: marxismo e crítica da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016. _____. *Resistência intelectual e engajamento político em Michael Löwy e Daniel Bensaid*: afinidades benjaminianas. Tese (Doutorado em Sociologia). IFCH-UNICAMP, Campinas, 2016.
- SAYRE, Robert. Romantisme et modernité – parcours d'un concept et d'une collaboration. In: DELECROIX, Vicent; DIANTEILL, Erwan. *Cartographie de l'utopie*. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy. Paris: Sandre Actes, 2011.
- STORA, Benjamin. *La dernière génération d'Octobre*. Paris: Hachette, 2003.
- TRAVERSO, Enzo. Le marxisme libertaire de Michael Löwy. In: DELECROIX, Vicent; DIANTEILL, Erwan. *Cartographie de l'utopie*. L'œuvre indisciplinée de Michael Löwy. Paris: Sandre Actes, 2011.